

Consumo das famílias: ponto de situação pós-pandemia

O consumo das famílias residentes representa 63% do PIB e em 2022 evoluiu de forma muito positiva, crescendo 5,8%. Este crescimento traduziu-se num contributo de 3,7 pontos percentuais para a expansão do PIB, explicando praticamente 55% do seu crescimento. Mas um olhar sobre os vários tipos de despesa que constituem o consumo das famílias mostra-nos que o seu comportamento não foi homogéneo. Por um lado, aumentou bastante a despesa em bens duradouros e por outro a despesa em bens alimentares regressou.

Quais as razões para este comportamento? Acumulação das poupanças excedentárias formadas durante a pandemia em famílias de maior rendimento e maior impacto do forte aumento dos preços nas famílias de menores rendimentos e que alocam uma maior parcela desse rendimento à aquisição de bens essenciais? Possivelmente, estes dois aspetos estarão presentes no comportamento do consumo e suscitam preocupações; contudo um olhar sobre a evolução do consumo nos vários tipos de bens e serviços desde antes da pandemia (2019) sugerem que aqueles fatores não serão nem os únicos nem os mais preponderantes na evolução dos vários tipos de consumo.

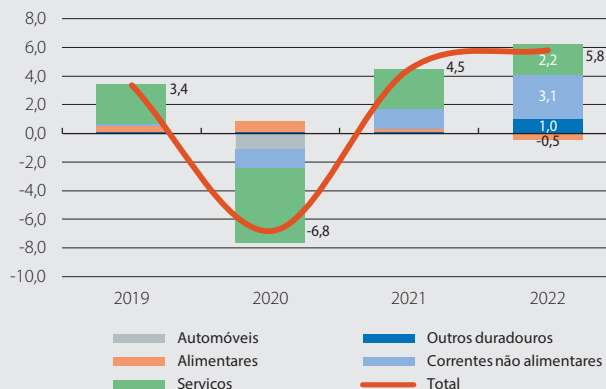
A análise que apresentamos tem por base a evolução do consumo a preços constantes, mas para ter um olhar mais fino sobre os vários tipos de despesa, assumimos algumas hipóteses disponíveis nos dados apresentados pelo INE a preços correntes.¹

O que mais sobressai da evolução desde a pandemia é que o consumo de bens duradouros ainda está abaixo dos níveis pré-pandemia, refletindo a redução significativa da despesa com aquisição de automóveis. Em 2020, a queda de mais de 10% na despesa com automóveis justificou-se pelos períodos de confinamento que reduziram drasticamente as necessidades de utilização de meios de locomoção. Em 2021 a permanência de restrições à mobilidade ainda terá justificado a fraca recuperação, mas em 2022 a principal razão para que esta despesa ainda esteja muito abaixo estará, certamente, relacionada com as dificuldades de produção que o setor automóvel enfrentou no pós pandemia (e que ainda enfrenta) derivadas das restrições nas cadeias de valor globais.

Por sua vez, a despesa noutros tipos de bens duradouros, que se manteve relativamente estável nos períodos de

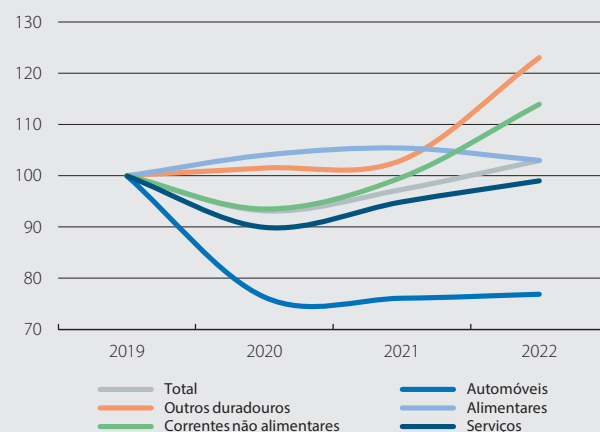
1. O detalhe para o consumo privado das famílias publicado pelo INE é maior a preços correntes do que aquele publicado para preços constantes. Para uma análise mais fina, admitimos como hipótese que o peso da despesa em automóveis e serviços no consumo das famílias a preços constantes seria o mesmo do peso destas rubricas a preços correntes; as restantes rubricas são calculadas por diferença face às principais componentes a preços constantes.

Portugal: contributos para o consumo das famílias (p. p.)



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

Portugal: evolução do consumo no pós pandemia Preços constantes (100 = 2019)



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.

confinamento, disparou em 2022, superando em 23% os níveis de 2019. O cruzamento destes dados com os fornecidos pelo volume de negócios no retalho, sugere-nos que este tipo de despesa se terá concentrado sobretudo em despesas com melhorias na própria casa e na aquisição de computadores e equipamentos de comunicação. Este movimento, visível desde praticamente o início do confinamento, manteve-se em 2022, possivelmente refletindo alterações de rotinas relacionadas com a permanência de períodos de teletrabalho que suscitam necessidades com a habitação antes inexistentes ou pouco valorizadas.

Nos bens não duradouros, houve uma forte recuperação nos bens correntes não alimentares e serviços em 2022, que praticamente recuperaram os níveis de 2019, mantendo-se apenas 1% abaixo dos níveis de despesa de 2019.

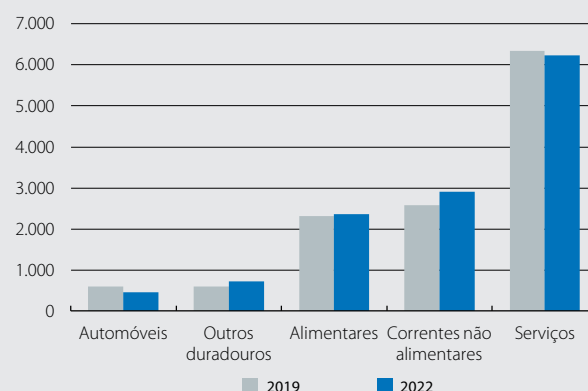
Nesta categoria de bens, destaca-se o comportamento dos bens alimentares, cuja queda em 2022 suscitou uma interpretação negativa na medida em que a sua contração poderia refletir (e em alguns casos refletirá) o impacto da inflação nas famílias de menor rendimento, cujo peso da classe de bens alimentares no cabaz de consumo é superior à média. Todavia, um olhar mais detalhado desde a pandemia sugere que estaremos, essencialmente, num período de normalização da alocação de rendimentos a este tipo de despesa. Com efeito, em 2020 e 2021 – anos em que as pessoas permaneceram durante mais tempo nas próprias casas – as despesas com bens alimentares registaram um crescimento acumulado de cerca de 5,5% face a 2019, 4,1% em 2020 e 1,3% em 2021. Por sua vez, 2022 foi o primeiro ano desde a pandemia 100% marcado pela normalidade da atividade e da mobilidade, reduzindo-se o recurso a teletrabalho, o que por si só terá reduzido a necessidade de compra de bens alimentares. Esta perspetiva é sustentada também pela evolução do consumo per capita. Com efeito, em 2022 a despesa per capita, a preços constantes, em bens alimentares ascendia a 2.367 euros, mais 2% do que em 2019, enquanto que a população residente apenas aumentou 1%.

Concluindo, ainda que não se possa desprezar situações de maior sufoco financeiro associado ao impacto dos elevados níveis de inflação nas famílias de mais baixo rendimento, diríamos que globalmente a evolução dos vários tipos de consumo refletirá sobretudo o início de uma normalização da alocação da despesa das famílias. Possivelmente, este movimento continuará em 2023.

Teresa Gil Pinheiro

Portugal: consumo per capita por tipo de despesa

Euros a preços constantes



Fonte: BPI Research, com base em dados do INE.